

## O DISCURSO E AS (IN)VISIBILIDADES DA IMAGEM

QUEVEDO, Marchiori<sup>1</sup>; ERNST-PEREIRA, Aracy (orientadora)<sup>2</sup>

*1 IFSul; UCPel-LEAD – marchioriquevedo@gmail.com*

*2 UCPel-LEAD – aracyep@terra.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

Embora não estivessem presentes nos primeiros gestos analíticos da Análise de Discurso de linha francesa (AD), as imagens não restaram esquecidas ao longo do desenvolvimento da teoria. Michel Pêcheux, em torno de cujo trabalho se reuniu o grupo fundador da AD, dedicou à imagem um texto fundamental, quando do colóquio referido no livro *Papel da Memória*. Malgrado não tenha tratado analiticamente a imagem, o filósofo a situa como “um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar” (PÊCHEUX, 1999, p. 51).

Malgrado hodiernamente trabalhemos em uma perspectiva que pretere “programa” por “trabalho” de leitura (MARIANI, 1998), valemo-nos das observações pecheuxtianas para atingir dois objetivos: (i) propor um conceito de imagem que atenda aos pressupostos teóricos da AD, discutindo (a partir d) o intervalo entre a imagem empírica das práticas sociais e a imagem leitura das práticas discursivas; e (ii) propor um tratamento analítico que recorra à “zona de entre-meios” (ORLANDI, 1999), mais precisamente o ponto em que a Linguística encontra o Materialismo Histórico e a Psicanálise, para discutir sujeito e sentido.

### 2. METODOLOGIA

É a partir dessa perspectiva teórico-analítica, desenvolvida em uma dissertação de mestrado (QUEVEDO, 2012), que analisaremos a seguinte capa, escolhida como a melhor de 2010 pela Associação Nacional de Editores de Revista (ANER.).



Figura 1 – Capa da ed. 630 da revista Época

No deslocamento que se deve operar da posição de leitor ordinário para a de analista, responsável pela produção de uma leitura sintomal (na articulação lacaniano-marxista de Žižek), encontra-se implicada não só a mudança de estatuto enunciativo, mas também o lugar ideológico, determinante da leitura a ser feita da materialidade significante. Mesmo que a análise siga “pistas” – como as do excesso, da falta e do estranhamento (ERNST-PEREIRA, 2009), elas não são dadas de per si (como um produto intrínseco da imagem) a partir de um olhar asséptico, mas por um trabalho de leitura indefectivelmente filiado.

Dada a híbrida materialidade do nosso objeto analítico, propomos reler a noção de Sequência Discursiva (SD) para Secção Discursiva e aplicá-la às componentes da formulação visual, bem como aplicar as relações previstas por Courtine (1981) para as SDs, mormente as de aliança, oposição, subordinação e aparente neutralidade. Da releitura feita por esse autor do enunciado foucaultiano – e da dupla notação: [e] e [E], chegamos a uma proposta que consiste basicamente em: estabelecer SDs de diferentes materialidades; configurar as relações dessas SDs; configurar-lhes os enunciados [e] constitutivos e os Enunciados [E] atualizados no domínio de memória; desacomodar o jogo de (in)visibilidades a partir de operações (como a de-superposição).

Todas essas operações ou procedimentos visam a um principal: o *reparar* as condições de produção. Aqui nos valem tanto da distinção apresentada na obra de Saramago Ensaio Sobre a Cegueira quanto da *equivocidade* (nos termos da AD) da palavra: *reparar* como um gesto de produzir significação que transcende o *ver/olhar*, bem como o restaurar as condições de produção do discurso; ou, em nosso caso, as condições de produção do que é (in)visível.

Conforme a análise que desenvolvemos em Quevedo (2012), partimos da SD1 (o lado esquerdo do rosto da moça) e da relação que essa SD estabelece com as demais (mormente a relação de oposição com o lado direito). Na SD1,

temos como exemplo de [e] a pele clara ou o cabelo bem cuidado e de [E] a beleza.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partiu-se de um dispositivo teórico entre cujos principais princípios se poderia elencar os que seguem. O princípio de um sujeito que não é dono do seu próprio dizer e assim responde (embora negue, denegue ou simplesmente desconheça) a determinações que são, em um mesmo compasso, da ordem da História e do Inconsciente. O princípio de um sentido que, em última análise, foge às tentativas de controle desse sujeito (restritas ao curto e sobredeterminado azo da enunciação), seja porque, em uma ponta, sua radicalidade obedece a uma objetividade material contraditória, seja porque, em outra, é fortemente atravessado pela dinâmica pulsional do desejo (ERNST-PEREIRA, 2009), pelas reverberações indômitas do Inconsciente, onde o sujeito é porque não pensa (desconstrução lacaniana do cogito cartesiano) ou onde ele é mais do que ele mesmo (na formulação de Žižek). O princípio de uma língua que funciona só, e somente só, no discurso, mas cuja ordem é irreduzível ao mero código: para a AD, essa língua que responde à contradição da História e ao Real do sujeito é constitutivamente equívoca, fascista (BARTHES, 1980); a *alíngua*, impossível, de Milner (1987).

Nesse ínterim, a imagem que constitui nosso objeto teórico é a resultante de um trabalho de leitura a partir de um objeto empírico que suporta uma materialidade visual. Esse trabalho é realizado por um sujeito a partir de uma dada posição e sob dadas condições de produção. Essa leitura mobiliza uma memória discursiva, a qual não é nunca nem plenamente consciente nem simétrica, porque incide em um dado feixe de representações do Imaginário, encontra posição de enunciação pela expulsão do Real (que a estrutura justamente porque lhe falta e a atravessa porque excede) e é regida em suas condições de (in)visibilidade pela mediação do Simbólico. Porque os sentidos se movem, o texto (imagético) também se move, no circuito tensional entre um acontecimento e sua absorção em uma memória (QUEVEDO, 2012).

### 4. CONCLUSÕES

O nó (inclusive borromeano) entre os conceitos mobilizados pela AD (mormente os de língua, sujeito e sentido) tornam extremamente oneroso o casamento dessa teoria com outras de significação. Dessarte, este trabalho escopa contribuir na discussão de um dispositivo de leitura que, sem reivindicar territórios ou propor cotejos, atenda às especificidades do campo teórico em que se situa, sem apelar a exterioridades exatamente no ponto em que se avultam incontornáveis os desvãos de princípios. Para tanto, recorrer ao MH e à Psicanálise e perscrutar os sintomas do Inconsciente e da História na imagem é mais do que empreender um gesto de leitura menos à mercê da gestão dos sentidos: é, em termos lacanianos, subjetivar a causa da própria produção de leitura.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COURTINE, J-J. (1981). **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.
- ERNST-PEREIRA, A. A falta, o excesso e o estranhamento. **SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO**. UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br/anaisdosead/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>> Acesso em: 12 de junho de 2011.
- MILNER, J-C. **O amor da língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- ORLANDI, E.. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre (et al.). **Papel da memória**. Trad. de José H. Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.
- QUEVEDO, M. Q. de. **Do gesto de reparar a(à) gestão dos sentidos**: um exercício de análise da imagem com base na Análise de Discurso. 2012. 253f. Dissertação. (Mestrado em Letras - Linguística Aplicada) Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.
- ŽIŽEK, S. **Como ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.